INTRODUÇÃO

> «Como a Terra é redonda, todos os povos acreditam estar no centro do mundo.»

Os povos ocidentais do século XXI descobrem com espanto a emergência do Irão. Que milagre permitiu a esse país, que parecia tão espartilhado no arcaísmo como os *mullahs* nos turbantes, estar em vias de se tornar uma das potências mais importantes de todo o Próximo Oriente? Nunca um iraniano duvidou da capacidade do seu velho país para assumir um papel de primeiro plano. Todos se recordam de Ciro, *o Grande*, e dos seus sucessores, que reinaram desde o Mediterrâneo até às portas da Índia e fizeram da Pérsia o primeiro «império-mundo» da História.

Nos dias que correm, ninguém duvida do poderio da China: os jornais noticiam as suas impressionantes capacidades militares, as inovações tecnológicas, o extraordinário poderio da sua economia, cujo crescimento ou contração são capazes de puxar o planeta para cima ou atirá-lo por terra. A maioria de nós tem dificuldade em compreender a origem do fenómeno. Como é possível que um país que parecia atrasado durante séculos, um país de miséria onde se andava apenas de bicicleta há trinta anos tenha conseguido uma progressão tão fulgurante? Os chineses não veem as coisas assim. Todos interiorizaram um esquema histórico que está mais próximo da realidade: o seu velho império foi, de modo contínuo, desde o início das grandes civilizações até ao final do século XVIII, a primeira potência económica e comercial do mundo, e a sua queda, provocada pelos britânicos, num primeiro tempo, e depois pelas outras potências imperialistas, data apenas de meados do século XIX. Os chineses sabem que a China de hoje está apenas a fechar um parêntesis, doloroso mas curto, para voltar a ocupar um lugar no pódio que lhes parece natural, porque sempre foi o seu.

A partir do século XVI, a Europa conheceu uma expansão fulgurante, que lhe permitiu conquistar quase todo o planeta. Este domínio acabou no

século xx com o estrondo das duas guerras mundiais que o pequeno continente provocou. Depois da segunda destas guerras, os Estados Unidos e a Rússia foram tomando a dianteira. Partilharam entre si o globo, em nome de dois sistemas ideológicos – herdados do pensamento europeu. Durante muito tempo, portanto, os europeus, com orgulho, puderam acreditar que o conhecimento do seu próprio passado, da sua cultura, podia bastar para compreender o mundo, pois que só a sua maneira de pensar parecia aí reinar. O desmoronamento da URSS acabou com esta glaciação bipolar e fez caducar a pretensão. Constantemente no nosso século, novas e antigas potências, o Brasil, a África do Sul, a Índia, a China, os grandes países muçulmanos – a Indonésia, a Arábia Saudita –, mostram a sua capacidade para influir no destino comum da humanidade e recordam-nos que o mundo mudou.

A HISTÓRIA GLOBAL

Há já várias décadas que a pesquisa histórica tem levado em consideração esta nova visão. Desde há mais de vinte anos que nos Estados Unidos, para começar, e depois um pouco por toda a parte, ilustres académicos desenvolveram um novo ramo da história a que ainda se chama por vezes a *global history* ou, em português, a «história global». As subcategorias que ela abarca são complexas. O princípio de base é simples. Consiste em olhar a história do mundo de acordo com a sua realidade múltipla, isto é, sem nos contentarmos apenas com o ponto de vista ocidental, que prevaleceu durante demasiado tempo. Todas as crianças europeias aprenderam na escola a história de Vasco da Gama, o arrojado navegador português que foi o primeiro a contornar a África, a chegar à Índia e a trazer de lá especiarias. É claro que sim, admite a *global history*, mas porque não tentar também ler este acontecimento através de fontes indianas, e ver como a chegada dele foi apreendida pelos mercadores e pelas autoridades do porto onde acostou? Neste exercício, como em muitos outros, devo dizer que o infeliz orgulho ocidental arrisca-se a ficar amachucado…

Citemos o exemplo da guerra de 1914-1918. A maioria dos povos europeus tem dela uma ideia muito nacional – os franceses encaram-na como um enésimo conflito com a Alemanha; os alemães, à partida, estavam focados no seu eterno inimigo eslavo, etc. – e, em geral, estritamente europeia. Porque não abrir a objetiva da imagem, perguntará a história global:

varrendo o campo até ao Extremo Oriente, por exemplo, descobre-se que as guerras que opuseram Russos e Japoneses no início do século XX foram essenciais para a formação das alianças entre potências que iriam conduzir à explosão generalizada de 1914.

Este olhar novo sobre o passado, esta nova metodologia são apaixonantes e estão na origem de numerosas obras que nos permitem reler de forma original os acontecimentos já conhecidos ou ainda descobrir trechos da história até então ignorados. No decorrer destas páginas, à medida que formos progredindo, daremos notícia dos progressos desta orientação. Alguns dos grandes livros que ela produziu têm um defeito: são algo inacessíveis porque, ao falar deste ou daquele episódio da história, partem do princípio de que conhecemos uma cronologia e um contexto político ou internacional que, regra geral, escapam à maioria dos que não são especialistas. Um dos propósitos desta obra é recolocar, do modo mais simples e o mais claramente possível, avançando passo a passo, as bases da história universal desde a Antiguidade.

O MUNDO IDENTITÁRIO

Já vimos que os grandes historiadores decidiram tentar compreender o mundo tal como ele é, na sua rica complexidade. A história popular tem sobretudo tendência, no entanto, para avançar no sentido oposto. É certo que existem exceções, obras de história universal magnificamente bem concebidas. Citamo-las com prazer na nossa bibliografia. Quantas outras, ainda que publicadas na atualidade, parecem saídas de luminárias do século XIX. É o caso, por exemplo, de uma grande enciclopédia em vinte volumes que supostamente quer retraçar a «história do mundo» e cuja repartição dos volumes é reveladora: três sobre o Egito antigo, quatro sobre a Grécia, seis sobre Roma – isto é, *grosso modo*, o que o Ocidente considera ser as bases da sua civilização – e um único em que são reunidos o Império Otomano, a Rússia e a China. É evidente que nada tenho contra a história grega, nem contra a história romana, mas coloco a questão: é ainda concebível, no nosso mundo, pensar que elas valem, historicamente falando, trinta vezes a história chinesa?

Ainda assim, a referida coleção faz um esforço, mesmo que desproporcionado, para tirar o leitor da pequena caixa onde a loucura da época o fecha cada vez mais: a obsessão nacional. Dir-se-á que a crispação identitária é

uma doença bem mais contagiosa. Todas as nossas sociedades, a propósito de política, de relações com os outros, de diplomacia, de economia, têm arrepios desta febre maligna. A história não lhe escapa. Eis o resumo do seu *hit-parade*: Luís XIV, Napoleão, Bismarck, Vitória e um toque de Joana d'Arc, para fazer derramar lágrimas a propósito da heroína.

É claro que exagero um pouco. Nada tenho, aliás, contra a história nacional: considero essencial que a estudem, mas tenho medo quando se fica emparedado nela. As raízes! De tanto as invocar constantemente, vamos acabar por tropeçar nelas, digo eu. Ao contrário do que pensam os nacionalistas empedernidos, o encerramento estrito nas suas fronteiras, na sua cultura, nos seus grandes homens, no seu passado, não é um serviço que prestam ao seu país. É a melhor forma de o afundar. Não digo, uma vez mais, que se deva negligenciar a história de cada um. Penso apenas que, para melhor ajudar o país a enfrentar o futuro, é necessário optar enfim por apreender o século XXI na sua realidade e deixar de olhar o mundo como se ele tivesse parado em 1914.

Na hora em que a China ruge, em que o mundo muçulmano se agita, em que a Índia emerge como potência, quem tem a certeza de que a melhor estratégia para enfrentar o desdobramento destes países na cena mundial é acenar-lhes com a lista dos marechais do Império e de lhes recitar as vitórias do Rei-Sol? O reflexo minimal que nos dita a inteligência não será tentar, ainda que só um pouco, interessar-nos finalmente pela cultura e pela história deles?

A GRANDE VOLTA

No conjunto, para redigir este livro, utilizei o método aplicado em duas obras já publicadas[1]: fui beber à obra dos maiores historiadores e dos melhores especialistas de cada uma das épocas e das civilizações abordadas, um conhecimento que procurei tornar acessível a todos. Acrescentei-lhe uma fonte nova. Durante os anos em que investiguei, fiz numerosas viagens a alguns dos grandes países que aparecem nestas páginas. Nada é mais instrutivo que visitar os museus, folhear os livros que lá se vendem, escutar os guias ou, simplesmente, ver os nomes que foram dados às ruas

[1] *Nos ancêtres les Gaulois et autres fadaises*, Fayard, 2010, e *L'Orient mystérieux et autres fadaises*, Fayard, 2013.

e às praças para compreender, se não a história no sentido científico do termo, pelo menos a maneira como cada nação fabrica a sua própria.

Esta longa demanda permitiu-me chegar ao presente livro. A obsessão aqui, repito, é a pedagogia. Nada poderia dar-me maior satisfação do que saber que ele foi lido por leitores de todas as idades e também por pessoas que não têm qualquer cultura histórica de base. É certo que, pelo contrário, ao percorrer este ou aquele capítulo sobre a China dos Ming, as independências da América Latina ou a guerra de 1914 este ou aquele especialista ficará chocado: como pôde ele esquecer-se de mencionar o ministro A, a batalha Z ou a questão essencial da retrocessão do Sul da província Y na querela separatista venezuelana? Que o especialista me perdoe: todas as omissões são propositadas. Esta obra destina-se ao grande público, procura apenas a clareza e, logo, a síntese. A minha ideia fixa foi guardar as linhas mestras essenciais para a compreensão de um grande movimento da história e de proporcionar os rudimentos do conhecimento a seu respeito. Todos os que, após a leitura de um ou outro capítulo, queiram saber mais sobre o episódio tratado poderão socorrer-se da bibliografia.

Por fim, decidi construir esta longa marcha através dos séculos procedendo pelo que podemos chamar os grandes patamares cronológicos: o mundo no tempo da Antiguidade, o mundo por volta do ano 800, o mundo no século XIX… Isto permite descobrir a história de cada um dos grandes países, mas também compreender como uma civilização se situa em relação às outras num determinado período. É um primeiro e bom caminho para rever a perspetiva ocidental preconcebida sobre a história de que falei no início desta introdução. Façam a experiência folheando simplesmente o índice. Procurem Carlos Magno, o imperador barbudo, o pai da Europa Ocidental, o imenso guerreiro franco que, com a ajuda do Papa, reformou o Império Romano no século IX. Não é ele uma personagem-farol da história? Sem dúvida que é. E como se chama a parte que trata desse período? Tem o nome dele? Claro que não! Que outra personagem, que outra civilização é mais importante que ele na época?

Deixo ao leitor a satisfação de descobrir a resposta por si mesmo, entrando nesta grande história.